



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**Educação Ambiental na composição da vida:
música e paisagem pampeana como elementos de força ativa**

Virgínia Tavares Vieira¹

Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8560-3780>

Renata Lobato Schlee²

Anhanguera

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1838-5012>

Resumo: O presente estudo busca investigar que outras Educações Ambientais são possíveis a partir da música pampeana do Brasil e do Uruguai. Sustentada nos estudos de Michel Foucault e autores do campo da educação e da educação ambiental numa perspectiva do pós-estruturalismo, a pesquisa tensiona as relações entre a música e a paisagem do Pampa, a partir de duas estéticas. A Estética do frio, do músico Vitor Ramil, e o Templadismo dos músicos uruguaios Jorge Drexler e Daniel Drexler. Entre tais concepções estéticas há uma relação entre a música, a paisagem do pampa, os lugares o clima frio e temperado na formação de um modo de ser, de compor e de se tornar sujeito. Dessa forma, o presente estudo compreende a música como uma prática cultural potente capaz de contribuir num processo de educação, de (trans)formações que giram em torno das relações humano e natureza; das relações com os espaços, com as paisagens; na construção de outros modos de pensar a Educação e a Educação Ambiental.

Palavras-chave: Música Pampeana, Estética do Frio, Templadismo.

**Educación Ambiental en la composición de la vida: música y paisagen pampeana
como elementos de fuerza activa**

Resumen: El presente estudio busca averiguar que otras Educaciones Ambientales son posibles desde la música pampeana del Brasil y del Uruguay. Basada en los estudios de Michel Foucault y en autores del campo de la educación y de la educación ambiental en una perspectiva del

¹ Doutora e Pós-Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professora do PPG em Educação da Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC / Brasil. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG/RS/Brasil. E-mail: vi_violao@yahoo.com.br

² Doutora em Educação Ambiental (Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGA / Universidade Federal do Rio Grande - FURG / Brasil). Docente no ensino superior público e privado. Professora pesquisadora do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia- GEECAF / FURG. E-mail: renataschlee@gmail.com.

posestructuralismo, la pesquisa tensiona las relaciones entre la música y el paisaje de la Pampa, desde de dos estéticas. La Estética del frío, del músico Vitor Ramil, y del Templadismo de los músicos uruguayos Jorge Drexler y Daniel Drexler. Entre dichas concepciones estéticas hay una relación entre la música, el paisaje de la Pampa, los lugares, el clima frío y templado en la formación de un modo de ser, de componer y de convertirse en sujeto. De esa forma, el presente estudio comprende la música como una práctica cultural potente capaz de contribuir en un proceso de educación, de (trans)formaciones que giran alrededor de las relaciones humano y naturaleza; de las relaciones con los espacios, con los paisajes; en la construcción de otros modos de pensar la Educación y la Educación Ambiental.

Palabras clave: Música Pampeana; Estética del Frío; Templadismo.

Environmental Education in the composition of life: music and Pampean landscape as active force elements

Abstract: This study looks to investigate that other Environmental Learnings are possible from the pampeana music from Brazil and Uruguay. Based on the studies of Michael Foucault and authors from the education and environmental education in an post structural perspective, the research contrasts the relationship between the music and the scenery of the Pampa. From two different aesthetic points of view. The cold aesthetic, the one of the musician Victor Ramil and the Uruguayan musicians Jorge Drexler and Daniel Drexler. Between these conceptual aesthetics there is a relationship between the music, the scenery of the Pampa, the places where the cold and temperate climate shapes one's way of being, of composing and becoming a subject. In that way, this study understands music as a strong cultural practice capable of contributing in the education process, and in the (trans)formations that happens between human relationships and nature, of the relationship with space, scenery, in the construction of different schools of thought in Education and Environmental Education.

Keywords: Pampeana music; Cold Aesthetic; Templadismo.

Introdução

É filosofia o movimento pelo qual, não sem esforços, hesitações, sonhos e ilusões, nos separamos daquilo que é adquirido como verdadeiro, e buscamos outras regras do jogo. É filosofia o deslocamento e a transformação dos parâmetros de pensamento, a modificação dos valores recebidos e todo o trabalho que se faz para pensar de outra maneira, para fazer outra coisa, para tornar-se diferente do que se é (FOUCAULT, 2005, p. 305).

Não há uma única maneira de vermos o mundo e nos relacionarmos com ele. Fazendo uma provocação ao tempo contemporâneo, principalmente no que se refere às relações humano/natureza, às relações que estabelecemos com as cidades, com os lugares, com as paisagens e suas implicações ao campo da educação ambiental (EA), nos provocamos a pensar na força de discursos que vem instituindo modos de ser e estar no mundo, assim como vem fabricando também uma educação ambiental. Evidentemente vimos sentindo e vivenciando transformações nos modos de vida que implicam efetivamente em nossas relações com o meio em que vivemos.

Na modernidade vimos se instalar modos de vida e relações de afetividade que estabelecemos uns com os outros e com a natureza que tem nos conduzido a uma inabilidade de respondermos à crise social e ambiental instaurada na contemporaneidade. Assim, questionamos: que outros modos de ser sujeito numa relação com as paisagens, com os lugares, com as cenas do cotidiano são possíveis de serem inventadas? Nos parece necessário, a partir de um movimento filosófico, trazer à baila o pensamento e nos provocarmos a criar outros modos de vida contemporâneos – aqui, especificamente – rachando concepções produzidas através da história e da cultura sobre o binômio cultura-natureza. Talvez possamos criar outros sentidos de natureza ou, indo mais além, outras Educações Ambientais possíveis. A problematização é um elemento potente para pensar a música pampeana e as articulações com a EA.

Na esteira de Foucault (2005), o movimento filosófico do qual o autor nos provoca a pensar, se daria à medida que rompêssemos com determinados parâmetros de valores e verdades que nos foram legados e que pouco questionamos. Nesse sentido, a proposta é compreender que podemos jogar o jogo com outras regras, (re)inventando outros modos de ser e viver o contemporâneo, nas mais diferentes esferas da vida social, política, econômica, ambiental e cultural.

Neste artigo a proposta é movimentar o pensamento por meio da música latino-americana, a partir de duas estéticas específicas aliadas ao conceito de problematização em Michel Foucault. Ainda assim, tal problematização atrelada à ideia de filosofia do filósofo francês, nos provocamos a pensar na importância da música como uma prática cultural capaz de mobilizar nossos pensamentos à criação de outras educações ambientais, mais preocupadas com a vida de cada um e com a vida do planeta. O desejo está em mirar possibilidades de fazer deste campo de saber um espaço ético, político – uma educação ambiental como um ensaio – que nos provoque, tensione o pensamento na tentativa de mirar e criar movimentos que nos coloquem com toda potência no jogo da existência, num processo de afirmação da vida. Pensamentos esses em modos de experiência estética na relação entre música, filosofia e educação ambiental.

Potências e delineamentos teórico-epistemológicos do estudo em questão

A relação entre música e paisagem natural e cultural do Pampa vem sendo pensada por um grupo de músicos do Rio Grande do Sul e do Uruguai. Tais artistas vêm fortemente discutindo a influência da paisagem e do clima na produção de seus trabalhos. Para Lucas

Panitz (2016) existe uma linha de pensamento que identifica um modo de refletir, de compor e de perceber desses músicos numa relação intrínseca entre a música e o clima desses lugares. O autor ressalta que há um “[...] forte apelo às representações de um mosaico de paisagens rurais, urbanas e litorâneas da região do Pampa” que identifica tais artistas (Idem, p. 248). Por outro lado, aqui nos interessa evidenciar a música enquanto uma prática cultural que vem fabricando esse modo de olhar e construir a paisagem natural e cultural pampeana, entendendo que a relação que se estabelece entre música e sociedade, música e os lugares, música e paisagem, constituem-se como uma via de mão dupla. Ou seja, o quanto a própria música institui um modo de ver, pensar e se relacionar com esta região.

A problematização está em potencializar a música enquanto uma prática cultural capaz de contribuir num processo de educação, de (trans)formações que giram em torno das relações humano-natureza; da relações com os espaços, com as paisagens; na construção de outros modos de pensar a Educação e a EA; na criação de outros modos de ser sujeito.

Para isso, nos aproximamos do conceito de problematização a partir de Michel Foucault. Na esteira do autor, miramos um exercício incisivo do pensamento que nos convida a colocar sob suspeita aquilo que tomamos como legítimo e verdadeiro. Nesta linha de argumentação o desejo está em irmos além de uma educação ambiental da salvação, da solução, da resolução de todas as mazelas ambientais. Para Henning (2017) dar potência ao pensamento significa um “dar as costas” a respostas simplistas e resolutivas. Importante salientar que esse “dar as costas” está significativamente imbricado a um movimento intenso do pensamento que tensione nossas verdades mais absolutas e naturalizadas. É da suspeita, do exercício crítico do pensamento instituído por discursos hegemônicos que EA carece. Assim,

O que quero fazer não é uma história das soluções. Penso que o trabalho que se deve fazer é um trabalho de problematização e de perpétua reproblemática. O que bloqueia o pensamento é admitir implícita ou explicitamente uma forma de problematização e buscar uma solução que possa substituir-se àquela que se aceita. Ora, se o trabalho do pensamento tem um sentido – diferente daquele que consiste em reformar as instituições e os códigos – é retomar na raiz a maneira como os homens problematizam seu comportamento (sua atividade sexual, sua prática punitiva, sua atitude quanto à loucura etc). [...] O trabalho do pensamento não é denunciar o mal que habitaria secretamente em tudo o que existe, mas pressentir o perigo que ameaça em tudo o que é habitual e tornar problemático tudo o que é sólido” (FOUCAULT, 2014, p.217).

Ressaltamos que não se trata de condenar que atitudes como: fechar a torneira, diminuir o tempo de banho e tantas outras não devam ser absorvidas pelos cidadãos do mundo. Nossa provocação está para além de questões como essas. Provocamo-nos a pensar sobre o próprio pensamento! Colocamos sob suspeita as recorrentes enunciações que nos dizem o que devemos fazer para salvar a terra. Problematizamos discursos sustentados por enunciados catastróficos que mobilizam nossas ações em prol do planeta mediante uma política do medo.

Tensionamos discursos de crise ambiental amparados por enunciados antropocêntricos que, de uma maneira ou de outra, mobilizam os sujeitos a pensarem a vida do planeta mediante uma política da culpa individual. São discursos como esses que vem compondo o campo de saber da EA. Assim, nossa proposta é tentar rachar, em alguma medida, esses discursos hegemônicos a fim de problematizar a criação de outras educações ambientais. Nossos tensionamentos se efetivam, nesse artigo, a partir da música latino-americana.

Dessa maneira questionamos: O que pode a música numa relação intrínseca ao campo da filosofia na composição de outras Educações Ambientais? Como a música é capaz de nos provocar a pensar sobre aquilo que pensamos? Como as estéticas aqui colocadas em análise são capazes de romper, em alguma medida, com modos hegemônicos de pensarmos as relações cultura-natureza?

Para Foucault (2006, p. 231-232),

O que distingue o pensamento é que ele é totalmente diferente do conjunto das representações implicadas em um comportamento; ele também é completamente diferente do campo das atitudes que podem determiná-lo. O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá um sentido; é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade sobre aquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objeto e pensamo-lo como problema.

Entendemos que é dessa liberdade do pensamento que a Educação Ambiental precisa. Não buscamos respostas para o binômio cultura-natureza; para a solução de todas as mazelas ambientais. Buscamos sim tensionar o pensamento no desejo de criar outros modos de relação com as paisagens, com os lugares, com as cenas do cotidiano capazes de potencializar a vida de cada um numa relação inerente com a vida no/do planeta. Nossos

questionamentos colocam sob suspeita uma EA da conscientização, da salvação. Interessamos um movimento do pensamento. Ou seja: o que pode a educação ambiental? Assim,

O termo problematização implica duas consequências. Por um lado, o verdadeiro exercício crítico do pensamento se opõe a ideia de uma pesquisa metódica da “solução”: a tarefa da filosofia não é resolver – inclusive substituindo uma solução por outra -, mas “problematizar”, não reformar, mas instaurar uma distância crítica, fazer atuar o “desprendimento”, redescobrir os problemas (REVEL, 2011, p. 124, grifos da autora).

É da suspeita constante que tratamos nesse ensaio do pensamento. Tensionamos as verdades mais sólidas que vem compondo nosso campo de saber e conduzindo nossas ações mais simples. É na mobilização de pensar o próprio pensamento que buscamos encontrar espaços para a criação de outras Educações Ambientais.

Estética do Frio e Templadismo: relação música, cultura e natureza- limites e possibilidades

Pensando as relações música e Pampa (Rio Grande do Sul e Uruguai), duas estéticas assumem destaque para tais problematizações. A estética do frio, do cantor, escritor e compositor pelotense Vitor Ramil, e o Templadismo, dos cantores e compositores uruguayos Jorge Drexler e Daniel Drexler. Embora tais concepções estéticas sejam pensadas e constituídas em países diferentes (a primeira Brasil, e a segunda Uruguai), ambas partilham de um modo de pensar o espaço geográfico e cultural na composição de suas músicas, de suas propostas estéticas. Para os músicos e compositores idealizadores de tais concepções estéticas, há uma relação importante entre a música (principalmente a Milonga), a paisagem do Pampa (Rio Grande do Sul e Uruguai), a diversidade étnica e cultural destas regiões, o papel das fronteiras no processo de composição e compartilhamento num modo de ser e se tornar sujeito dessa região; a planura, os lugares, as cenas do cotidiano, as cores e as sensações como a melancolia, a nostalgia produzido por um clima frio e temperado na formação de um modo de ser, de compor, de estar e se tornar sujeito numa relação entre música e paisagem.

Em a estética do frio, Vitor Ramil (2004) ressalta que o frio representa o imaginário dos rio-grandenses. Uma paisagem invernal constitui um ideário do Pampa do Rio Grande do Sul, de nossa música, de nossa cultura.

[...] o frio, independente de não ser exclusivamente nosso, nos distingue das outras regiões do Brasil. O frio, fenômeno natural sempre presente na pauta da mídia nacional e, ao mesmo tempo, metáfora capaz de falar de nós de forma abrangente e definidora, simboliza o Rio Grande do Sul e é simbolizado por ele (RAMIL, 2004, p. 13-14).

Para o músico esta imagem/paisagem invernal, fria e, até mesmo, intimista o inspirava ser, sentir e compor de modo diferente dos demais brasileiros. O escritor ressalta que o frio fala muito dos sul-rio-grandenses. Rigor, profundidade, concisão, clareza, sutileza e leveza seriam subsídios presentes na paisagem plana do Pampa gaúcho que, atrelados a uma concepção profunda e melancólica da milonga campeira, constituiriam esse quadro em que a arte nos provocaria a pensar e sentir uma imagem invernal. Constitui também essa paisagem o céu claro, uma extensa planície verde, um gaúcho, seu mate, seu cavalo, seu cachorro. Assim, nossa problematização está em potencializarmos essa relação estética produzida a partir de uma estreita composição entre música e paisagem/natureza/pampa e nos provocarmos a pensar que outras educações ambientais são possíveis por meio desse movimento.

Importante ressaltar também que na estética do frio, as músicas que sustentam e também compõem tal proposta, apresentam um papel importante das cidades na composição dessa paisagem, dessa região geográfica e cultural pampeana. Não falamos de uma natureza que apenas elementos tidos como naturais (verde, frio, geada, campo) constituiriam a natureza pampeana. Tensionamos que outras possibilidades de olhar para o pampa, para esta paisagem são possíveis nesta relação e produção daquilo que é instituído como natural/cultural. Ou seja, como a arte, a música, a filosofia e a fusão entre esses campos de pensamento são capazes de nos movimentarmos a mirar e criar diferentes modos de nos entendermos nas relações cultura-natureza.

Fiz a milonga em sete cidades/ Rigor, profundidade, clareza em concisão, pureza, leveza e melancolia/ Milonga é feita solta no tempo/ Jamais milonga solta no espaço/ Sete cidades frias são sua morada/ Em clareza o pampa infinito e exato me fez andar /Em Rigor eu me entreguei aos caminhos mais sutis/ Em profundidade a minha alma eu encontrei e me vi em mim [...] A voz de um milongueiro não morre/ Não vai embora em nuvem que passa/ Sete cidades frias são sua morada /Concisão tem pátios pequenos onde o universo eu vi/ Em Pureza fui sonhar/ Em Leveza o céu se abriu/ Em Melancolia a minha alma me sorriu e eu me vi feliz (RAMIL, 1997).

Na canção acima intitulada Milonga das Sete cidades, Ramil evidencia uma estreita relação entre a música e a paisagem pampeana. Salientamos aqui, que nesta cena

pampeana, a cidade também compõe a paisagem. Para o autor elementos como a melancolia, a profundidade, o rigor, a leveza, a clareza presente na paisagem pampeana podem também ser encontrados na milonga campeira. Ainda assim, esta música tem uma morada, tem um espaço, tem uma subjetividade. Esta paisagem fria, intimista e melancólica que inspira o músico gaúcho a ser e compor de modo diferente ao mesmo tempo constitui esta paisagem invernal e melancólica pampeana. Ou seja, aqui entendemos que tal prática cultural vem reproduzindo esse espaço geográfico e cultural. Não apenas uma representação do pampa, mas uma fabricação também desta paisagem.

A música vai se construindo nesses elementos, nessas relações entre céu, alma, nuvem, universo, cor, som, sensação, tempo, lugares, cidades. Como ressalta o compositor, a milonga não é solta no espaço, ela tem um lugar – as sete cidades frias! A relação música, clima, sensação é expressa na canção de forma poética e nos evidencia a possibilidade de atravessamentos que estes artifícios naturais-culturais são capazes de produzir. Podemos dizer que essa composição de “coisas” tão intrínsecas vão produzindo subjetividades; experiências; sentidos. A provocação está em potencializar a partir da relação música e pampa outros modos de nos relacionarmos e nos percebermos nestes espaços. Não fora da natureza, mas pertencente a ela!

Olhar para músicas e problematizar ditos que evidenciam uma relação entre música-natureza-cultura. Nessa canção de Vitor Ramil é possível observar o quanto o espaço geográfico-cultural se atravessa na constituição de um modo de ser e sentir. Não se evidencia em Milonga das Sete cidades relações de sobreposição. Nem humana sobre a natureza, e tão pouco da natureza sobre o humano. As relações que se evidenciam nessa música demonstram o quanto somos afetados pelos espaços que ocupamos, e nesses atravessamentos vamos nos constituindo e assumindo determinadas posições de sujeito. Quando ressaltamos neste texto que não há uma única forma de vermos o mundo e nos relacionarmos com ele, colocamos sob suspeita verdades absolutas.

Ou seja, pensando o campo de EA e os discursos hegemônicos que o constituem, demonstramos que estas músicas evidenciam outros modos de relação cultura-natureza. E são práticas culturais como essas que compõem outros modos de relação entre vida humana e vida com planeta. São nestas arestas que incidem nossos tensionamentos. São práticas culturais como a música que miramos a potência de criação de outros modos de ser. Aqui, a tomamos como um lugar de destaque, na medida em que ela pode contribuir com provocações ao pensamento, criando espaços de resistência às verdades tão solidamente fabricadas por nós em tempos contemporâneos.

Movidos pela Estética do Frio, os músicos e compositores Jorge Drexler e Daniel Drexler do Uruguai, inventam o termo *Templadismo*. Trata-se de uma estética e/ou corrente musical do sul da América Latina que associa uma paisagem pouco ondulada, um clima temperado, sons e cores. De acordo com Loza (2015, p.27) o termo *Templadismo* faz uma referência ao clima característico do Uruguai “[...] el clima templado y tiene connotaciones, también, em tanto término médio: geográficamente no hay grandes cumbres ni depresiones[...]”. Para os músicos idealizadores de tal concepção estética, o *Templadismo* irrompe como uma forma de pensar a criação artística desses músicos, de pensar um tropicalismo dos climas temperados, de pensar um tropicalismo dos Pampas.

O *Templadismo* seria uma forma de falar do Pampa e do clima temperado, que articula a música e a paisagem dessa região. Embora pensado pelos irmãos Drexler (PANITZ, 2016) o *Templadismo* se estende a outros compositores latino-americanos constituindo-se, de certa forma, como uma linha de pensamento que baliza a criação musical desses artistas. Elementos naturais-culturais como o clima, a paisagem, e própria música se imiscuem nestes processos criativos. Nas palavras do autor,

Notamos, a partir desses músicos, por um lado o reconhecimento da formação histórica que dá origem à configuração étnica e cultural no espaço platino, mas também uma representação ligada sobretudo a paisagem e ao ambiente natural, destacando o Pampa e o caráter subtropical que marca esse ambiente. Tal fato leva a considerarmos o entrelaçamento entre natureza e cultura [...]. Se percebe uma forte dimensão *geografizante* nas representações dos artistas. Elas trazem elementos da materialidade e substâncias do espaço geográfico para a criação estética, tornando essa materialidade viva e indispensável na própria concepção musical” (PANITZ, 2016, p. 260).

Diante dessas considerações, a sugestão é investigar que outras Educações Ambientais são possíveis a partir dessas músicas. Que problematizações são possíveis de potencializar a partir de uma música que nos provoca a pensar a relação cultura-natureza na produção de significados que instituem modos de ser e pensar ante um espaço geográfico-natural-cultural? Que relações humano-natureza-paisagem são possíveis de apreender diante de tais estéticas para a educação ambiental? Ainda: como a música pode contribuir para a criação de uma EA preocupada com a vida, com nossa vida planetária, com experiências do pensamento?

Compreendemos que olhar para esses compositores tidos como “contemporâneos” nessa linguagem musical pampeana e as respectivas relações dos sujeitos com as

paisagens, com a cultura, com os lugares pode potencializar um outro modo de pensarmos a educação ambiental. Apresentamos alguns exemplos:

Sur de la orilla de acá / de mi río que corta / una tarde naranja / cuenta un sauce llorón que la oía cantar / junto al agua dorada / miel del litoral / río tibio, calor / un sabor que no alcanza. Corre la canción / por mis pagos de allá / agua dulce y salada. Hay, lo que vino a pasar / nada mas por mirar una astilla quebrada / ese tren se salteó / la parada esperanza. Norte, trigo y calor / una brisa arrimó / un amargo de caña / no se oyó al cardenal / anunciando que ya evantaba la helada / hay, lo que vino a pasar / nada más por mirar una astilla quebrada / ese tren se salteó / la parada esperanza (PRADA, 2006).

Rinconcito suavemente ondulado, manto verde de mis sueños, balconcito sobre el mar. El reflejo de la luz en tu pradera dibujando un horizonte que parece respirar / Voy volando sobre cuchillas y lomas del Cuarey al Uruguay vuelvo al Río de la Plata como vuelve el agua al mar. Esquinita donde se juntan los ríos, ilusión del horizonte que parece palpitar, agua dulce, agua tan amarronada, la memoria de la tierra en la canción del Paraná. Nochecita de comienzo del verano, siesta del jacarandá, algún???? en la pradera, el sol cayendo en el mar. Rinconcito suavemente ondulado, manto verde de mis sueños, balconcito sobre el mar. En el eco de tus cuchillas y lomas se entreveran tres idiomas, se entremezclan al hablar. Con la misma fuerza con que te abandono siento que la gravedad me devuelve a tu regazo como vuelve el agua al mar. Esquinita donde se juntan dos ríos ilusión de un horizonte que parece palpitar. Rinconcito suavemente ondulado, manto verde sobre el mar (DREXLER, 2008).

Nas canções acima os músicos e compositores uruguaios Daniel Drexler e Ana Prada nos provocam a pensar os atravessamentos de suas relações com a paisagem, com as cenas do cotidiano, com os lugares na composição de suas músicas. Compreendemos que as práticas culturais (re) produzem discursos, verdades, sentidos e significados que fabricam o modo como olhamos e nos entendemos no mundo. Queremos evidenciar com estas canções a forma como a música pode, em alguma medida, mobilizar nosso pensamento. Nossa provocação está no modo como nos relacionamos com os espaços que ocupamos. Tais canções enaltecem enunciações que evidenciam a constituição de uma paisagem numa relação com a cultura sem demonstrar uma relação de sobreposição humana neste cenário. Mas atravessamentos de elementos entendidos como naturais na composição de lugares, sentidos e sensações que produzem significados na cultura, e na fabricação de sujeitos nas suas relações com estes espaços.

Como já mencionado, o Templadismo, concepção estética e/ou corrente musical que irrompe, em alguma medida, como forma de pensar a relação clima, música e paisagem de músicos uruguaios, nesta pesquisa, se apresenta como prática cultural capaz

de nos provocar a pensar como podemos tensionar as diferentes possibilidades de se compor inclusões entre cultura e natureza. E, a partir desses atravessamentos e entrelaçamentos, problematizar a potência da arte na fabricação de outras educações ambientais. Os elementos tidos como naturais nas canções acima se imbricam em sensações que nos mobilizam na medida em que são capazes de nos provocar a pensar nas diferentes posições de sujeitos que assumimos na vida cotidiana. Sejam nas nossas relações com os lugares, com as paisagens ante memórias e sentidos que se imbricam na fabricação de diferentes modos de ser e viver a vida consigo mesmo e com a vida planetária.

Nossa problematização está para além do dualismo cultura e natureza. Existe uma linha tênue daquilo que é natural e cultural. Não estamos negando que o clima, o frio, os rios e outros tantos elementos não são “naturais” e sim que aquilo que instituímos como sendo natural se dá a partir de uma fabricação da cultura. Salientamos ainda que é nessa estreita relação natureza-cultura que vamos nos constituindo e produzindo sentidos e significados do que é o humano, do que é natureza, do que é natural, do que é cultura, do que é educação ambiental.

De acordo com Isabel Carvalho (2011, p. 37), a “EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista”. Tal perspectiva se apoia na percepção de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano, social e cultural. Seguindo tal linha de pensamento (que é ainda mais reforçada por programas de televisão, como documentários, desenhos animados e outros artefatos culturais) vamos aprendendo a tecer relações com o mundo em que vivemos e instituindo modos de nos relacionarmos e nos inserirmos na natureza. A partir da fala da autora é possível dizer que a dicotomia entre cultura e natureza marca uma visão naturalista dentro do campo da EA que aceita a ideia de que natureza se resume aquilo que é verde, que se sintetiza à flora e fauna.

Pensando a atualidade, o discurso é de que vivemos uma crise ambiental jamais vista. Temos assistido nas últimas décadas, seja em campanhas publicitárias, propagandas midiáticas, divulgações em empresas governamentais e não-governamentais saberes que vem instituindo verdades sobre as difíceis relações humano e natureza, o futuro da vida na Terra, a necessidade de agirmos hoje para assegurar o dia de amanhã. Os meios de comunicação de massa constituem modos de vida, discursos e verdades, com campanhas massivas relacionadas à EA, estando esta, sempre ligada a uma estratégia de proteção ao mundo atual (HENNING et al, 2014). Há uma chamada de emergência pautada pelo terror e medo pela perda do planeta (VIEIRA, 2013). Em vista da necessidade de cuidarmos do planeta, preservarmos e sustentarmos a vida na Terra, a EA irrompe como recurso para as

mazelas ecológicas, como um meio de educar os sujeitos ambientalmente. Porém, trata-se de uma educação pautada por uma visão salvacionista, uma política regulada pelo medo, uma EA enquanto solução para conscientização dos problemas vivenciados diante de uma crise ambiental instituída na contemporaneidade.

Filha da Modernidade, a EA está encharcada de discursos legitimados como verdadeiros que cotidianamente nos bombardeiam na busca de um sujeito verde, um sujeito consciente de suas obrigações ante o planeta. Nossas bases ainda são modernas, alicerçadas pelo saber científico e pelo desejo de conscientização. Em outras palavras, busca-se um sujeito que através da EA, seja capaz de transformar a sociedade, seja capaz de nos livrarmos dessas mazelas ecológicas, instituindo modos de intervenção, educando frente à crise, nos dizendo como devemos ser, o que podemos e não podemos fazer. Há um chamamento potente para cuidarmos do planeta, modificarmos nossas atitudes, nossos hábitos, nossas condutas mediante uma política pautada pelo medo. Medo de um dia não termos mais água, medo das tragédias ambientais, da revolta da natureza. Medo do fim da vida na terra! Sendo assim, questionamos: como resistir a esses discursos terroristas que vão subjetivando nossos modos de vida? Como nos ensinou Michel Foucault, “onde há poder, há resistência” (1985, p.91).

Entendendo a verdade como uma fabricação de nosso tempo (FOUCAULT, 2011), e no desejo de provocar o pensamento frente a essas inúmeras verdades relacionadas ao campo da EA, ressaltamos a importância de tensionarmos a criação de outras educações ambientais. De acordo com Henning e Ruiz (2017, p. 149, no prelo).

O campo da EA carece de coragem para problematizar o dado, o estabelecido. É da criação dessas novas armas (DELEUZE, 1992) que talvez pudéssemos enxergar um outro modo de fazer EA. Novas armas que nos coloque com toda potência no jogo da vida, de uma vida com e no planeta. Criar novos conceitos para este campo de saber nos parece necessário para uma outra intervenção no mundo, uma criação que depende em primeira instância, de nos sentirmos em desenaixe com a EA que se apresenta – esta da solução!

A provocação é que podemos desconstruir conceitos, saberes, verdades fincadas no tempo, na história e na cultura. A proposta não é colocar outras verdades no lugar das “desconstruídas”. O desafio se dá na perspectiva de entender que podemos pensar e ser diferente do que nos é imposto. O desejo é criar outras possibilidades, outros modos de apreender a EA.

Considerações finais

Romper com uma visão de EA preocupada em conduzir e governar nossas ações é o que colocamos sob suspeita. Nessa empreitada de problematizar outras possibilidades de compreender a EA, vimos a música latino-americana, a partir de duas estéticas específicas no encontro com a filosofia, como ferramenta potente nessa tarefa.

As discussões em torno das músicas em destaque e suas concepções estéticas evidenciam uma estreita relação entre cultura e natureza na fabricação desses modos de pensar o espaço geográfico-natural-cultural do pampa (Rio Grande do Sul e Uruguai). Nas discussões teóricas, filosóficas e culturais de ambas as estéticas os autores demonstram a importância das relações que se estabelecem entre elementos tidos como naturais (clima, frio, planura) e culturais (cidades, memórias, cotidianos, som, cor) na fabricação de modos de ser e das posições de sujeitos que assumimos frente estes discursos que fabricam uma cultura latino-americana no pampa do Sul do Brasil e do Uruguai.

Diante dessas considerações entendemos que tais concepções estéticas racham, em alguma medida, o dualismo cultura-natureza tão entranhados em nossa constituição e posição de sujeito que assumimos em nossas relações com o planeta. É a partir dessas rachaduras que miramos a criação de outras Educações Ambientais. Mais preocupadas com o dia-a-dia; com os espaços que ocupamos; com as sensações, cores, sons, sentidos que se produzem em nossas relações e afecções consigo mesmo, com a vida de cada um, com o outro e com a vida planetária.

No que se refere à filosofia, pensamos-la como se fizera na Antiguidade – a filosofia como modo de vida, como exercício do pensamento numa relação intrínseca consigo mesmo – o olhar para si, pensar sobre si, pensar sobre aquilo que pensamos, pois “[...] filosofar não é simplesmente uma forma de discurso, mas também uma modalidade de vida [...]” (FOUCAULT, 2011a, p. 206). E nessas relações consigo mesmo podemos tensionar outros modos viver o cotidiano, de nos relacionarmos e nos entendermos nestas paisagens. Nessas relações nos provocarmos, estranharmos e criarmos outras possibilidades de entendermos a força da EA. Para isso se faz necessário promover um exercício de “deslocamento conceitual” (GALLO, 2002, p.172). Ou seja, insistir numa EA de resistência, uma educação preocupada com a singularização, uma educação que articulada a arte seja capaz de dar vazão ao pensamento, a um pensamento outro da EA. Uma educação comprometida com as múltiplas formas de viver a vida, de estranhar, tensionar verdades instituídas, legitimadas, naturalizadas. Que possamos encontrar arestas e

tensionarmos possibilidade de criarmos uma EA “[...] de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas [...]” (GALLO, 2002, p. 173).

Referências

CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DREXLER, Daniel. **Rinconcito**. Intérprete: Daniel Drexler. In: Micromundo. Rinconcito. Uruguay: MS2 Discos, 2008. 1 CD. Faixa 9.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2; O uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Edições graal: Rio de Janeiro, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a Genealogia da Ética: um resumo do trabalho em curso**. In: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade: ditos e escritos IX. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2014.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma Educação menor**. Educação & Realidade, 27 (2), Jul./Dez. p. 169-178, 2002.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

GUIMARÃES, Leandro; SAMPAIO, Shaúla Maíra Vicentini. **Educação Ambiental nas pedagogias do presente**. Em Aberto, Brasília, Vol. 27, n. 91, p. 123-134, jan./jun. 2014.

HENNING, Paula; GIBBON, Cleber; HENNING, Clarissa Corrêa e GARRÉ, Bárbara Hees. **Educação Ambiental e Discurso: estratégias biopolíticas e produção de verdades**. Educação em Foco. Vol. 19, n.1, mar/jun 2014. P. 221-242. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2015/07/Ed-Foco-v19-n1-mar14-jun14final.pdf>. Acesso em 08 Jan. 2018.

HENNING, Paula Corrêa e SILVA, Gisele Ruiz. **Rastros da Educação Ambiental. O dissenso como potência criadora.** In.: HENNING, Paula Corrêa; MUTZ, Andresa da Costa e VIEIRA, Virginia Tavares (orgs.). *Educações Ambientais Possíveis: ecos de Michel Foucault para pensar o presente.* Curitiba: CRV Editora, 2018 [no prelo].

LOZA, Daniel Martín Duarte. **Una poética pampa. Integración cultural entre Brasil, Argentina y Uruguay: música, clima, historia y geografía.** In: *AURA*. Revista de Historia y Teoría del Arte, nº 3 – Junio, p. 17-37, 2015.

PANITZ, Lucas Manassi. **Práticas musicais, representações e transterritorialidade em rede entre Argentina, Brasil e Uruguai.** In: *Geografia e Música: Diálogos.* Organizado por Alessandro Dozena. – 1. Ed. – Natal: EDUFRN, 2016.

PRADA, Ana. **Amargo de caña.** Intérprete: Ana Prada. In: *Soy Sola. Amargo de Caña.* Uruguay: Los Años Luz Discos – LAL 048, 2006. 1 CD. Faixa 1.

RAMIL, Vitor. **A estética do frio.** Pelotas: Satolep Livros, 2004.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault/ Judith Revel.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação.** 2ª ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, Virginia Tavares. 2013. **O discurso da crise ambiental nas letras de Rock and Roll: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos.** Rio Grande, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 86p. Disponível em <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6080/Virginia.pdf?sequence=1> Acesso em 06/01/2018.

VIEIRA, Virgínia Tavares. **O Naturalismo poético-pampeano: uma potência musical do pensar.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, BR-RS, 2017.

Submetido em: 20-11-2020.

Publicado em: 18-12-2020.